

em tôrno da expressão artística

observações acêrca dum caderno de
José Régio editado pela «Inquérito»

Nêste caderno desenvolve-se uma concepção interessante, se bem que discutível, acêrca da expressão artística, concepção essa apenas prejudicada pelo estilo obscuro, demasiado entrecortado de parêntesis e explicações de pormenor de certas passagens e pelo tom polémico e grosseiro de outra.

A construção do pensamento de José Régio assenta na distinção entre expressão artística por um lado, e expressão vital, mística e retórica por outro. Ora êste esquema parece-nos certo; nada nos impede de aceitá-lo, dêse que dêle se não extraiam conclusões demagógicas que vão alimentar o sectarismo de certos paladinos da «arte pela arte».

De que a expressão artística é uma expressão segunda, indirecta, da expressão vital que, só essa, é expressão primária e directa não pode concluir-se, como parece fazê-lo o autor (pág. 66), que a arte tenha a sua finalidade essencial em si mesma. Pelo contrário: se a arte é expressão de alguma coisa, êsse *alguma coisa* não pode ser senão a vida.

Não compreendemos ainda como é que José Régio, não sendo pròpriamente um místico, pode chamar à expressão mística «supra-vital, sôbre-natural, ultra-humana»... Se distingue da expressão vital aquilo que chama expressão mística, porque não distingue igual-

mente a expressão científica, desportiva, etc., que, como aquela, não são expressões directas, primárias?!

Além disso parece-nos que noutros pontos existem incoerências entre o esquema essencial dêste caderno e certas concepções particulares nêle contidas. Por exemplo: a concepção do autor acêrca da *eternidade* da obra de arte. Se «o exclusivo fim da arte é *fixar e comunicar*» (pág. 28), nem por isso ela deixa de ser, nas várias épocas, uma expressão das relações humanas concretas dessas épocas. Não pode afirmar-se, nem *em principio*, que «todos os homens de todos os tempos e lugares se poderão comover com a autêntica obra de arte» (outra coisa é ela visar ao *universal* ou ao *eterno* que, relativamente à criação artística, são emoções e sentimentos de artista e não conceitos precisos de críticos ou teóricos). E muito menos que «todos os pensadores, críticos, artistas ou quaisquer outros especuladores intelectuais ou espirituais não são do seu tempo senão pelas partes mais visivelmente condicionadas da sua obra, portanto mais restritas ou efêmeras; e são de qualquer tempo pelas suas partes superiores e mais resistentes» (pág. 8).

Ora o próprio Régio se contradiz implicitamente (pág. 65), quando, a propósito duma peça de Ibsen, defende